

# ACM minimiza crise entre PFL e PSDB

Luiz Antonio — 9/3/95

■ Senador diz que disputas locais são entrave às reformas

EUGÊNIA LOPES

BRASÍLIA — O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), tentou minimizar a crise entre o PFL e o PSDB na Câmara dos Deputados. Um dia após ter se empenhado pessoalmente para que o governador do Amazonas, Amazonino Mendes (PFL), comparecesse para depor na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) sobre compra de votos a favor da emenda da reeleição, Antônio Carlos Magalhães disse ontem que as divergências entre os dois partidos podem existir, mas devem ser secundárias.

Na opinião de Antônio Carlos, em todos os partidos existem pessoas que pensam diferente e, “infelizmente”, não aceitam uma aliança completa. “São diferenças naturais e, muitas vezes, regionais. Se todos quiserem resolver problemas locais, dificilmente poderemos resolver o Brasil como um todo e sempre teremos entraves nas reformulações que pretendemos”, afirmou o senador baiano.

**Brigas** — Na última semana, o líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), e o líder do PSDB, Aécio Neves (MG), desentenderam-se diversas vezes. Anteontem, o motivo da última briga entre os dois líderes foi a recusa de Amazonino a comparecer para depor na CCJ. Inocêncio chegou a ameaçar pedir a CPI da Reeleição, mas voltou atrás após a interferência de Antônio Carlos Magalhães. O depoimento de Amazonino ficou marcado para segunda-feira, às 19h.

O líder Aécio Neves também tentou diminuir a repercussão da crise aberta com o PFL. “Na minha avaliação, cabe ao presidente Fernando Henrique Cardoso julgar o comportamento do PSDB em relação ao governo”, disse o líder dos tucanos. Ele lembrou declarações do presidente da República: o PSDB tem uma unidade firmada em anos e na disposição de mudar o Brasil; não há problemas no PSDB, que tem sido extremamente fiel ao governo.

Na opinião de Antônio Carlos



Antônio Carlos Magalhães diz que partidos têm pessoas que, “infelizmente”, não aceitam aliança abrangente

Magalhães, o PFL é o melhor parceiro do governo Fernando Henrique. “É o partido que tem maior identidade de pensamento em relação ao Brasil. É a base da aliança”, disse. O senador Antônio Carlos afirmou ainda que a prioridade é a aliança nacional entre o PFL e o PSDB. Mas não descartou o entendimento entre

os dois partidos em vários estados, apesar das divergências políticas regionais.

Ele citou como exemplo a filiação do ex-governador da Bahia Nilo Coelho, seu inimigo político, ao PSDB. O senador disse que, se fosse avaliar o PSDB pela entrada de Nilo Coelho, “iria dizer que o partido se destruiu na Bahia”,

mas que está aberto a negociações. “Até porque muitas dessas lideranças divergentes são oriundas de Antônio Carlos Magalhães”, ironizou. “Afim, em política tudo é possível.” O presidente do Senado defendeu a indicação do nome do senador pelo PFL Romeu Tuma para concorrer ao governo de São Paulo.

## Virgílio exige “humildade” de Inocêncio

JAILTON DE CARVALHO

BRASÍLIA — O secretário-geral do PSDB, Arthur Virgílio, reagiu ontem às críticas do líder do PFL, Inocêncio de Oliveira, que anteontem atacara duramente o governador de São Paulo, Mário Covas, e os deputados Aécio Neves e Nelson Otoch, todos tucanos. Virgílio defendeu os colegas de partido, exigiu “humildade” do pefelista e avisou que, se o clima de confronto for mantido, o resultado poderá ser o fim da aliança entre os dois partidos, criada para eleger o presidente Fernando Henrique em 1994.

“Para nós, não tem impasse. Para nós, existem duas alternativas: uma seria essa (o rompimento), embora eu não creia nela, e a outra é o líder (Inocêncio) refletir, aproveitar o ar marinho da praia de Boa Viagem e retornar aqui humilde como ele entrou no Congresso”, afirmou Virgílio, num tom de voz alterado.

**‘Carão’** — Para o deputado tucano, não há nenhuma “hierarquia” que coloque Inocêncio acima do PSDB e o pefelista não tem autoridade para “passar carão” em Covas, Aécio Neves e Nelson Otoch.

Em entrevista coletiva que ele mesmo convocou, Virgílio fez questão de rebater cada uma das críticas disparadas por Inocêncio. Anteontem, o líder do PFL havia dito que não “aguentava mais os tucanos”. Entre as fontes de seu aborrecimento, Inocêncio mencionara Mário Covas (que teria criticado a escolha do líder Luís Eduardo Magalhães); o líder do PSDB, Aécio Neves (por divergências na questão das “teles”); e o relator da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), Nelson Otoch (que exige o depoimento do governador do Amazonas, Amazonino Mendes (PFL) sobre compra de votos).

Virgílio garantiu que Covas não pretendeu atacar Luís Eduardo Magalhães ao afirmar — em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**, na segunda-feira passada — que o líder do governo não podia

ser um pefelista. “Na matéria do JB, ele até elogiou o Luís Eduardo”, lembrou.

Segundo o deputado, Covas é uma figura “emblemática” e, toda vez que for atacado, um grupo de tucanos irá a plenário em bloco, para fazer a defesa do governador paulista. Para o secretário-geral do PSDB, também são “inaceitáveis” os ataques de Inocêncio a Aécio Neves e Nelson Otoch.

De acordo com Virgílio, Otoch tem todo o respaldo do PSDB para cobrar o depoimento de Amazonino na CCJ, que investiga o escândalo da compra de votos para a reeleição. Para ele, Inocêncio “blefou” ao ameaçar com seu apoio à criação da CPI da Reeleição. O tucano acha que o PFL não deseja a CPI em hipótese alguma, porque, ao contrário do PSDB, todos os acusados de envolvimento no episódio foram, são ou pretendiam ser do PFL. “Isso é blefe, e blefe é para pôquer, não para política. A crise dos votos é absolutamente pefelista!”, ressaltou.

**‘Galinha’** — Virgílio negou ainda que a origem do confronto entre os dois partidos seja a disputa por espaço dentro do governo. Segundo ele, embora o PFL faça estardalhaço da influência que teria sobre Fernando Henrique, quem está melhor contemplado é o PSDB.

“O PFL não manda nos ministérios da Educação; das Comunicações; no “petit comitê” do Palácio do Planalto; e não manda no BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social)!” Para exemplificar, o deputado comparou o PFL a uma galinha, “que faz uma enorme bagunça, mas bota um ovo pequeno”. O PSDB, por sua vez, seria um pato, que faz pouco barulho, mas “bota um ovo grande”.

Nem o presidente Fernando Henrique, que é filiado ao PSDB, escapou da metralhadora giratória de Virgílio. Segundo ele, Fernando Henrique, ao contrário do que teria combinado com o ex-prefeito Paulo Maluf, “subirá” no palanque de Mário Covas e “saberá” distinguir os governadores tucanos Marcello Alencar (do Rio), Eduardo Azeredo (Minas Gerais) e Almir Gabriel (Pará). Os governadores tucanos, na opinião de Arthur Virgílio, são “estratégicos” nas eleições de 1998.